

FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ - FAACZ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CLARA DE OLIVEIRA MOREIRA

**ANSIEDADE INFANTIL: PRINCIPAIS CAUSAS
E IMPACTOS NO AMBIENTE ESCOLAR**

ARACRUZ
2023

ANA CLARA DE OLIVEIRA MOREIRA

**ANSIEDADE INFANTIL: PRINCIPAIS CAUSAS
E IMPACTOS NO AMBIENTE FAMILIAR E ESCOLAR**

Artigo científico apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz – FAACZ, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia.

Orientadora: Professora Ma. Karina Andrade Fonseca.

ARACRUZ
2023

ANA CLARA DE OLIVEIRA MOREIRA

**ANSIEDADE INFANTIL: PRINCIPAIS CAUSAS
E IMPACTOS NO AMBIENTE FAMILIAR E ESCOLAR**

Artigo científico apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

Aracruz, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Karina de Andrade Fonseca
(orientadora)

Prof. Ma. Marta Regina Rossoni
(examinadora interna)

Prof. Ma. Mercedes Silvério Gomes
(examinadora interna)

Psicóloga. Ma. Flávia Moreira Marchiori
(examinadora externa)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai, que sempre me incentivou a estudar e obter uma profissão, e que sem seus conselhos na minha infância e sua ajuda nos últimos anos, eu não teria concluído a graduação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que me permitiu vivenciar essa graduação e me deu forças para conseguir concluir meus estudos, suprimindo todas as minhas necessidades durante esses cinco anos.

Aos meus pais que estiveram sempre me apoiando e ajudando para que esse sonho se tornasse possível, ao meu marido que me incentivou nos momentos difíceis, a minha irmã que foi a responsável pela minha matrícula no curso de psicologia e a minha sogra que não permitiu que eu trancasse o curso em um momento muito difícil.

A todos os professores que tive ao longo desses anos, que contribuíram através de seus ensinamentos para a minha formação acadêmica, e pela paciência com a qual guiaram todo o curso. A todos aqueles que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

RESUMO

A ansiedade é uma reação natural do organismo que ocorre em todos os indivíduos e que por vezes se faz necessária como mecanismo de alerta para alguma situação de perigo. Entretanto, quando esse sentimento começa a gerar prejuízos no cotidiano de um indivíduo o impedindo de realizar suas atividades diárias, pode-se compreender que a ansiedade se torna patológica. Porém, a ansiedade disfuncional não prejudica apenas pessoas adultas, ela também está presente na vida de crianças, produzindo sofrimento. Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho foi investigar as principais causas relacionadas ao aumento da ansiedade no público infantil e suas principais consequências no contexto escolar e como família e escola dialogam a respeito dessas consequências. Dito isso, para elaboração dessa pesquisa, foi utilizado como método a pesquisa bibliográfica, sendo disposto de onze artigos científicos para realizar a análise de dados qualitativa, por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Os resultados apontaram para a pandemia da COVID-19 como um grande catalisador da ansiedade em crianças e, conseqüentemente, o aumento do tempo em telas e o isolamento social também contribuíram para o aumento desse transtorno. Os dados também demonstraram que crianças ansiosas apresentam dificuldades de aprendizagem na escola. Esse trabalho concluiu que a pesquisa bibliográfica serviu como um aporte inicial para estudar o tema, porém, essa é uma questão muito subjetiva de modo que cada caso de criança com ansiedade disfuncional deva ser analisado unicamente, sendo assim, para um aprofundamento das questões, um estudo de caso poderia oferecer resultados mais profundos. Sendo assim, essa é uma problemática que deve continuar sendo muito estudada, visto sua importância para a sociedade.

Palavras-chave: Ansiedade Infantil; Contexto Escolar; Ensino-Aprendizagem;

ABSTRACT

Anxiety is a natural physiological response that occurs in all individuals and is sometimes necessary as a warning mechanism for potentially dangerous situations. However, when this feeling begins to impair an individual's daily life, hindering them from carrying out their daily activities, it can be understood as pathological anxiety. Dysfunctional anxiety not only affects adults but is also present in the lives of children, causing distress. Therefore, the overall objective of this work was to investigate the main causes related to the increase in anxiety in the child population and its primary consequences in the school context, as well as how families and schools discuss these consequences. With that said, for the development of this research, a bibliographic research method was employed, utilizing eleven scientific articles to conduct qualitative data analysis through Bardin's Content Analysis. The results pointed to the COVID-19 pandemic as a significant catalyst for anxiety in children. The increase in screen time and social isolation also contributed to the rise of this disorder. The data also demonstrated that anxious children experience learning difficulties in school. This study concludes that bibliographic research served as an initial contribution to studying the topic. However, since this is a highly subjective issue, each case of a child with dysfunctional anxiety should be analyzed individually. For a more in-depth exploration of the issues, a case study could provide more profound results. Thus, this is an issue that should continue to be extensively studied due to its significance for society.

Key words: Childhood Anxiety; School Context; Teaching and Learning;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	03
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	06
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
ANÁLISE DOS DADOS	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é uma reação natural do organismo que ocorre em todos os indivíduos e que por vezes se faz necessária como mecanismo de alerta para alguma situação de perigo. Podemos considerar que, em algum momento da vida, todas as pessoas sentirão ansiedade, entretanto, instaura-se um problema quando esse sentimento se torna algo que dificulta a realização de tarefas cotidianas e interfere negativamente nas relações interpessoais do sujeito, o que pode gerar prejuízos pessoais e sociais.

Atenta ao aumento da ansiedade disfuncional nos últimos anos, a *World Health Organization* (WHO) — Organização Mundial da Saúde (OMS), na Língua Portuguesa — publicou, em 2017, uma estimativa global sobre depressão e outras desordens mentais, na qual se constatou que o Brasil ocupa a primeira posição mundial como o país que possui maior número de casos de transtorno de ansiedade diagnosticados, sendo 9,3% de sua população (WHO, 2017, p. 18). Durante e após a pandemia da COVID-19, os números se tornaram ainda mais alarmantes.

Em levantamento realizado no ano de 2022, a OMS concluiu que, globalmente, houve um aumento de 25% nos casos de ansiedade registrados, enquanto que, em estudo publicado em 2023, a *Pan American Health Organization* (PAHO) — Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), na Língua Portuguesa —, vinculada à OMS, apontou dados ainda mais graves quando foram analisados, especificamente, os países do continente americano, uma vez que houve aumento de 32% nos casos de ansiedade registrados entre seus residentes (OPAS, 2023). Tais dados comprovam que a recente pandemia foi determinante para o aumento dos casos registrados de diagnóstico de transtorno de ansiedade e deve servir de alerta para as autoridades em saúde dos países das Américas, especialmente o Brasil, cuja gravidade dos dados já era demasiadamente preocupante.

Como dito anteriormente, esse sentimento é comum a todos, incluindo também crianças, o que pode acarretar em diversos problemas e danos para elas. O estudo realizado por pesquisadores do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), *Children and adolescents emotional problems during the COVID-19 pandemic in Brazil* (Polanczyk et al, 2023) — Problemas emocionais de crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, na Língua Portuguesa —, apontou que cerca de 36% das crianças e adolescentes sofrem com ansiedade e depressão em decorrência da pandemia. De acordo com Fortaleza e Miguel (2023, *apud* Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo, 2018),

Até 10% das crianças e dos adolescentes sofrem de algum transtorno ansioso e estima-se que mais de 50% das crianças ansiosas experimentarão um episódio depressivo, como parte de sua síndrome clínica, sendo que o principal fator de risco para esta condição na infância é ter pais com algum transtorno de ansiedade ou depressão (p. 21).

Considerando o disposto até aqui, entendemos que a infância é uma fase do desenvolvimento de grande importância para o ser humano, e deve ser vivenciada de modo agradável, em contexto que possibilite o desenvolvimento saudável e integral do indivíduo.

Ao longo de importantes períodos históricos, a infância foi negligenciada e as sociedades não atribuíram a devida importância para essa fase da vida. No mundo atual, tem-se convicção da relevância que a infância representa na vida de uma pessoa e de como é importante que, durante essa fase, a criança tenha oportunidade de se desenvolver biológica, cognitiva, emocional e socialmente. Entretanto, sabe-se que esse ambiente não é possível para todas, podendo favorecer o desenvolvimento de problemas que se estenderão ao longo da vida, e tem sido recorrente a correlação entre as vivências da infância e o desenvolvimento de comportamento ansioso em outras fases da vida, conforme reforçado em estudo realizado por Naue e Welter (2016, p. 2) ao concluírem que a ansiedade “atinge crianças, causando sérios problemas e deixando marcas negativas na infância das mesmas, também podendo refletir negativamente na vida adulta”.

Mediante os fatos acima debatidos, essa pesquisa se propõe a responder a seguinte questão: o que a literatura científica tem apontado como principais causas de transtorno ansioso em crianças e quais são os impactos no contexto escolar? A hipótese levantada é de que o aumento e abuso do uso de telas por crianças, assim como a ausência dos pais ou responsáveis e o isolamento social em decorrência da pandemia da COVID-19, são fatores determinantes para o desenvolvimento de ansiedade infantil.

Dito isso, pode-se afirmar que o aparecimento de um transtorno mental comum, como a ansiedade, é multifatorial. Por isso, o objetivo geral deste trabalho é identificar as principais causas relacionadas ao surgimento do transtorno ansioso em crianças e seus impactos no ambiente escolar, e como a escola tem lidado com as possíveis dificuldades que esse aluno possa apresentar. Como objetivos específicos, temos: verificar quais são as principais causas relacionadas ao desenvolvimento de transtornos ansiosos em crianças; identificar como os transtornos de ansiedade no público infantil têm impactado o contexto escolar e compreender se a escola tem sido um ambiente acolhedor e de cuidado ou gerador de ansiedade.

Cumprir informar, por fim, que as citações foram formatadas conforme a segunda edição da norma ABNT NBR 10520 (Informação e documentação — Citações em documentos — Apresentação), publicada em 19 de julho de 2023.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A concepção de infância

Em um primeiro momento, quando se pensa em definir infância, temos a impressão de que parece ser uma tarefa fácil, porém, esse é um termo amplo, que foi atravessado por muitas questões culturais e que modificou seu significado ao longo dos anos. Diversos autores e pesquisadores têm suas próprias definições sobre o que é a infância, mas vale ressaltar que essa fase do desenvolvimento é definida e influenciada a depender do contexto sócio-histórico-cultural ao qual a criança está inserida (Lins *et al*, 2014). Alves (2013) confirma essa ideia dizendo que “a infância é uma construção moderna que tem diferentes configurações em variados espaços culturais, classes sociais, gêneros, etnias e época” (p. 1).

Ao se fazer uma análise histórica sobre a infância, é possível observar como esse período do desenvolvimento passou por diversas mudanças que foram influenciadas pela sociedade adulta. Alves (2013) descreve esse fato ao dizer que:

A criança por muito tempo foi vista como um ser passivo da ação de um adulto e necessitado de ação moral disciplinar na construção desta identidade, ou seja, ao nascer a criança seria como uma esponja que absorve os símbolos, a linguagem, as regras de convivência e as formas de interagir de maneira imitativa as pessoas de seu convívio. A criança vista deste ângulo foi muitas vezes silenciada, excluída e invisível em políticas e regras destinadas a ela (p. 3).

Na Idade Média, pode-se afirmar que a infância, como é vista atualmente, ainda não existia, sendo que as crianças não eram diferenciadas dos adultos. Nesse sentido, Dumas (2011, p. 20) afirma que “até o século XIX, as sociedades ocidentais consideravam as crianças como pequenos adultos e as tratavam como tal, e não como pessoas com competências e necessidades sociais e cognitivas específicas que evoluem de modo rápido à medida que elas se desenvolvem”. Ariès (1981) afirma que provavelmente não havia lugar para a infância no mundo medieval e que as crianças não eram caracterizadas como um sujeito de expressão individual, mas eram retratadas como adultos com tamanho reduzido.

Com o passar dos anos e as modificações que o mundo foi enfrentando e que colaborou para sua modernização, como as revoluções e o avanço da indústria, o papel das crianças dentro da sociedade também foi alterado. Ariès (1981, p. 83) apresentou essas modificações ao fazer uma análise através das obras de arte anteriores ao século XVII, que não expressavam nenhuma característica infantil — “a criança agora era representada sozinha e por ela mesma: esta foi a grande novidade do século XVII”. O autor, ainda, ressaltou em seus estudos que os sinais do desenvolvimento de um sentimento de infância se tornaram mais significativos no final do século

XVI e no decorrer do século seguinte.

Outra mudança na caracterização das crianças foram suas vestimentas, que passaram a ser roupas mais leves, que possibilitavam maior liberdade de movimento. Essa foi mais uma forma de distingui-las dos adultos, visto que, com a mudança da concepção de infância, essa alteração das vestimentas surgia como consequência desse fato. De acordo com Ariès (1981), foi apenas no final do século XVIII que os trajes infantis se modificaram, passando a ser roupas mais adequadas para crianças. Cohn (2005) traz que Ariès demonstra essa ruptura da criança vista como um adulto em miniatura e passa a ser um sujeito social. O autor defendeu que:

O que Ariès nos mostra é a construção histórica do que denomina um *sentimento da infância*. Este não deve ser entendido, vale dizer, como uma sensibilidade maior à infância, como um sentimento que nasce onde era ausente, mas como uma formulação sobre a particularidade da infância em relação ao mundo dos adultos, como o estabelecimento de uma cisão entre essas duas experiências sociais (p. 22).

Nesse sentido, segundo Lustig *et al* (2011), “os diversos fatores sociais e históricos contribuíram para a constituição de uma nova conotação para a infância” (p. 8).

Como citado anteriormente, diversos autores se propuseram a estudar a infância, porém, nesta pesquisa foram utilizadas como base teórica as concepções de Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778) a respeito do tema. Através da obra “*Emílio ou da Educação*”, Rousseau (1996) afirma que não conhecemos a infância, mas que esse foi o tema ao qual ele mais se dedicou aos estudos, com a intenção de conseguir algum proveito de suas observações. Rousseau rompe com esse paradigma da criança como um adulto em miniatura e a considera como um sujeito que possui características próprias e capacidade imaginativa. Lustig *et al* (2011) apontam que:

Rousseau refere-se à infância como um tempo agradável em que a criança tem atitudes espontâneas, é feliz e inocente. Para ele, a infância é uma fase com características próprias às quais devem ser cultivadas de forma a contribuir para o desenvolvimento da inteligência da criança. O autor, de uma maneira intuitiva, antecipou teorias sobre o desenvolvimento cognitivo e moral da criança, quebrou paradigmas e desencadeou novas concepções sobre a criança e a infância, reconhecendo que a criança tem seu próprio mundo e que é preciso compreendê-la a partir dela mesma (p. 9).

Rousseau também traz importantes contribuições a respeito da liberdade e educação, sendo o último tema explorado posteriormente. No tocante à liberdade, o autor ressalta que, logo após o nascimento de uma criança, ela já é envolvida em faixas e roupas, impossibilitando, assim, seu movimento e exploração do ambiente. Então, ele salienta que se faz necessário exercer menos domínio sobre essa criança, contribuindo para que ela dependa menos dos outros e faça mais por si mesma, uma vez que entendia que “a sociedade faz o homem mais fraco, não somente lhe tirando o

direito que tinha sobre suas próprias forças, como também as tornando insuficientes” (Rousseau, 1996, p. 67). Portanto, em seu entendimento, a sociedade exerce poder e influência sobre uma criança, subtraindo, assim, a sua liberdade.

Interessante refletir sobre as contribuições que Rousseau trouxe no século XVIII e perceber como a aplicabilidade é atual. Por mais que o papel da criança na sociedade tenha se atualizado e ela tenha ganhado mais espaço e direitos, surgiram outras formas de controle dessa liberdade, como, por exemplo, a psicopatologização infantil e métodos rígidos e estruturados de educação. O objetivo dessa pesquisa não é criticar o diagnóstico em si, mas ter um olhar mais sensível para compreender quais critérios têm sido utilizados para diagnosticar a ansiedade infantil, especificamente, e o que tem contribuído para o crescente aumento dos sintomas ansiosos. Nesta tarefa, Rousseau nos guia. Observe seu conselho aos homens:

Amai a infância; favoreçam seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentiu saudosos, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e alma sempre em paz? Por que arrancar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhe escapa, de um bem tão precioso de quem não pode abusar? Por que encher de amarguras e de dores esses primeiros anos tão rápidos, que não voltarão nem para vós nem para eles? (1999, p. 61).

É importante refletir sobre como temos conduzido essa fase tão importante e cheia de descobertas para as crianças. Será que realmente tem-se oferecido um ambiente acolhedor para elas? Ou temos silenciado sua subjetividade e buscado dentro da patologia uma forma de silenciá-las e medicalizá-las para que respondam às nossas expectativas? Estamos criando um contexto realmente aversivo e adoecedor que tem gerado sintomas ansiosos nas crianças? O objetivo deste trabalho não é apenas apontar para as causas, mas entender se essas causas não são resultado de uma falta de acolhimento e de um ambiente que possibilite desenvolvimento saudável e livre de expectativas criadas pelo adulto, inclusive no ambiente escolar.

2.2. A criança e o transtorno ansioso

A ansiedade é comum a todos os seres humanos, sendo uma reação que por vezes é necessária quando vivenciamos alguma situação que nos deixaria vulnerável. Lopes e Kaulfuss (2017) dizem que “A ansiedade é um estado psíquico comum a todos os seres humanos, desde muito tempo ela se apresenta como um sinal de alerta para o indivíduo, no reconhecimento de situações que oferecem perigo” (p.4). Entretanto, o problema está quando a ansiedade começa a ser frequente e intensa, gerando, assim, diversos problemas na vida de um indivíduo.

Desde o nascimento, e em diferentes fases do desenvolvimento humano, uma pessoa vivencia contextos que podem estimular a manifestação de comportamento ansioso como, por exemplo, o medo de pessoas estranhas, de ir ao banheiro, de pesadelos, ansiedade pela separação, medo de ruídos e objetos e até mesmo ansiedade relacionada a sentimentos internos e abstratos, como medo de monstros e de fantasmas (Miranda *et al*, 2021). De acordo com Dumas (2011),

O medo e a angústia são muito comuns ao longo da vida e desempenham um papel adaptativo. As crianças, assim como os adolescentes, têm de enfrentar os mais diversos desafios que provocam sentimentos intensos e prolongados de ansiedade, os quais são parte integrante do desenvolvimento normal, seja aos 7 meses, quando a criança se vê diante de adultos que não conhece, aos 7 anos, quando tem de responder a novas exigências escolares ou aos 17 anos, quando sua autonomia crescente a obriga a fazer escolhas e a assumir responsabilidades que jamais teve de enfrentar até então (p. 389).

Todas essas são situações comuns ao cotidiano de uma criança em desenvolvimento, mas Oliveira (2008) alerta que “A ansiedade patológica é percebida pela sua severidade, persistência, associação a eventos neutros e prejuízo significativo no funcionamento e desenvolvimento psicossocial da criança ou adolescente” (p. 18).

A ansiedade patológica causa preocupação e medo excessivo para o indivíduo, gerando, assim, muito estresse no seu cotidiano. Crianças que passam por contextos e situações estressantes podem enfrentar diversos sintomas que causam prejuízos em muitas áreas da sua vida. De acordo com Oliveira (2008), é possível observar em crianças ansiosas manifestações fisiológicas como sudorese, rubor, tremor, reações comportamentais, como evitação e fuga de certas situações e, choro, além de, também, terem afetadas questões cognitivas, resultando no desenvolvimento de pensamentos negativos. Dentro desse contexto, Dumas (2011) alerta que esses medos e ansiedade nas crianças não são passageiros e podem causar diversos danos, que:

Provocam uma aflição extrema que não provém de um perigo real ou iminente; não podem ser aplacados por gestos tranquilizadores ou por um apelo à razão ou à evidência; não podem ser ou são com muita dificuldade dominada por um ato de vontade; levam a criança a evitar o que ela teme ou a tentar fugir; às vezes persistem por muito tempo e interferem no seu desenvolvimento (2011, p. 391).

Mas uma questão importante para analisar é conseguir fazer uma diferenciação entre a ansiedade normal, que está presente na vida de todas as pessoas, da ansiedade que esteja causando sofrimento e prejuízos emocionais, cognitivos e sociais. Fazer essa diferenciação pode ser difícil, visto que não é algo simples e categorial de ser realizada, mas Dumas (2011) nos apresenta alguns pontos que podem ser observados para fazer essa análise. Um deles é a observação do comportamento da criança. Geralmente, crianças muito ansiosas apresentam comportamento de

evitação, agitação e muitas desculpas para não realizar algo. Outros fatores são a qualidade de vida, questões do desenvolvimento, e a vida familiar da criança (Dumas, 2011).

Dito isso, também é necessário fazer uma ressalva: para se observar a ansiedade em uma criança, os relatos dos pais ou responsáveis, dos professores e também da própria criança, devem ser considerados complementares quanto ao entendimento sobre as diferentes formas de sua manifestação, podendo, por vezes, parecerem contraditórios e até mesmo assumidos como um mais legítimo do que o outro (e, normalmente, a percepção da criança é a menos considerada, uma vez que está associada a sentimentalismo e fatores internos) (Dumas, 2011). Sendo assim, é essencial fazer uma análise mais crítica e minuciosa do transtorno ansioso para que seja possível observar todos os atravessamentos e experimentações das crianças que estiverem vivenciando a ansiedade de modo disfuncional.

2.3. A escola: ambiente que produz ansiedade ou acolhe?

Uma pessoa passa, em média, cerca de treze anos dentro de um contexto escolar — partindo-se do pressuposto de que os estudos (aqui considerando a Educação Básica) são iniciados por volta dos cinco anos de idade, na alfabetização, e são finalizados na conclusão do Ensino Médio, geralmente aos dezessete ou dezoito anos. Sendo assim, o contexto escolar pode gerar muitos atravessamentos em um indivíduo, visto que ele está inserido nesse ambiente por muitos anos. Nesse sentido, é interessante pensar esse sujeito participante do ambiente escolar, pelas concepções de Vigotski, que não considerava o ser humano como algo imutável, mas sim o reconhecia dentro de suas diversas relações e determinações sociais (Teixeira, 2023). Diante desse panorama, de compreender o indivíduo através de suas múltiplas interações e sendo um sujeito que passa muitos anos no contexto escolar, a escola pode ser um ambiente primordial para a produção e prevenção da saúde mental. Estanislau e Bressan (2014) afirmam esse fato, ao dizerem que:

Pensando em saúde coletiva, a escola tem sido considerada o lugar ideal para a educação em saúde mental por dois fatores básicos. Primeiro, por ser um centro de construção de conhecimentos e, segundo, por ser o lugar onde a maioria dos jovens permanece durante boa parte do dia (p. 66).

Dessa forma, pensa-se na escola como espaço potencial para promoção da saúde mental porque, dentre outras coisas, ela é um espaço em que, em tese, prega a liberdade, conforme defendido por Paulo Freire. Segundo Schram e Carvalho (2007), o autor defendia que a educação prezasse por uma “aprendizagem da democracia, através da dialogação entre alunos, pais e

professores, transformando a vida escolar em assunto de todos os envolvidos, assim como a vida política é assunto de toda a sociedade” (p. 5). Esse conceito de liberdade nas escolas dialoga com o conceito de liberdade para Vigotski, que, de acordo com o ele, está além do ser livre para ir onde quiser ou se movimentar. Teixeira (2022) diz que Vigotski atribui o desenvolvimento da personalidade (que ele concebia como uma síntese superior das funções cognitivas superiores) como um caminho para a construção da liberdade. Sendo assim, Teixeira (2022) alega que:

[...] o desenvolvimento da personalidade consciente e a educação formam uma unidade dialética. Vigotski tinha clareza de que sem a *vospitanie* – a educação em seu sentido amplo – e sem a *obutchenie* – a educação em seu sentido restrito, tarefa específica da escola – não há formação da personalidade humana consciente, uma vez que o desenvolvimento do ser humano como uma personalidade consciente, síntese das múltiplas determinações sociais, concretiza-se por meio da educação (p. 9).

Nesse sentido, a questão é que mesmo a escola tendo potencial para promover saúde mental, será que ela tem sido realmente esse ambiente? Como os autores acima citam, essa é uma instituição de construção de conhecimento e com capacidade para promoção da liberdade. Mas que tipo de conhecimento tem-se construído? Essa é uma reflexão importante para a análise dessa pesquisa, em virtude de reflexões que colaborem para compreender se o contexto escolar tem sido um local que acolhe o sujeito ansioso ou que produz mais sintomas ansiosos. É importante refletir se a realidade atual é de uma escola que cuida ou que apenas trabalha de forma rígida e tecnicista. Teixeira (2022) expõe de forma objetiva a percepção de Vigotski com relação à educação:

Portanto, assumir a concepção de educação presente no sistema teórico-conceitual de Vigotski significa, antes de tudo, compreender que o social para o autor não se reduz à interação entre as pessoas e nem ao contexto do desenvolvimento social da personalidade consciente. A existência social da pessoa, as suas relações sociais, constituem a fonte desse desenvolvimento. O ser humano se educa – se forma como uma personalidade consciente nas e como relações sociais (p. 9).

Ao se pensar na instituição escola, automaticamente surge o termo educação que, de modo bem simples, seria a transferência do saber e conhecimento de um adulto para a criança. Entretanto, assim como Vigotski, Rousseau também traz outros atravessamentos que constituem reflexões sobre o que é a educação. O autor explica que nascemos fracos e necessitados de força e assistência, e que nada sabemos, mas que é através da educação que obteremos conhecimento necessário para a vida, pois “tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos ser adultos, é nos dado pela educação” (Rousseau, 1996, p. 10). Para ele, a educação não tem o sentido que predomina nos dias atuais, de ser o ensino formal, ou de ter bom tratamento em relação a alguém, mas sim, é composta por três tipos: a educação da natureza, a educação dos homens e a educação das coisas.

O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas (1996, p. 11).

Para esse estudo, iremos nos ater mais à educação dos homens, que é o modelo central das escolas. Rousseau trouxe reflexões que são muito bem aplicadas aos dias atuais. Ele fala que a educação dos homens é a única que não depende do sujeito e que identificar alguém como bem ou mal educado é ato diretamente relacionado às expectativas que os próprios homens criam acerca dessa criança, esperando que elas respondam de acordo com suas perspectivas. Portanto, aquelas que não correspondem são classificadas como má educadas, enquanto que aquelas que correspondem são definidas como bem educadas. Nesse ínterim, o filósofo reflete que:

O aluno em quem as diversas lições desses mestres se contrariam é mal educado e nunca estará de acordo consigo mesmo; aqueles em quem todos visam os mesmos pontos e tendem para os mesmos fins, vai sozinho a seu objeto e vive em consequência. Somente esse é bem educado” (Rousseau, 1996, p. 11).

Esse conceito da educação está muito atrelado à liberdade, discutida no tópico anterior. Rousseau (1996, p. 17) diz que “o homem civil nasce, vive e morre na escravidão”, ou seja, um sujeito, ao nascer, já está subjugado ao que irão fazer com ele; tudo que aprende vem de ensinamentos de outros e, caso questione, é visto como um indivíduo sem educação, fora do padrão, e que até mesmo possui alguma dificuldade ou transtorno, o que justificaria tentar moldá-lo às concepções cristalizadas e enraizadas da sociedade frente às diferenças que apresenta, sendo a educação dos homens a ferramenta para tal feito. Considerando que a concepção de educação defendida por Rousseau é uma educação que se apoia na liberdade, Boeira (2010) alerta para o fato de que Rousseau não via o homem apenas como um ser capaz de aprender e de se desenvolver para exercer papéis sociais previamente definidos pela sociedade ou desempenhar funções específicas, como destacado a seguir:

Também, a concepção de Educação proposta por Rousseau não está focada na preparação do homem para executar funções específicas, que a sociedade exige, e que lhe conferem determinado status, pois antes de se tornar um profissional, o ser humano é um homem (Boeira, 2010, p. 5).

E é através dessas perspectivas, de Vigotski e Rousseau, que se conduzirá a análise dos dados obtidos nessa pesquisa, que objetiva compreender como as escolas atuam quando crianças que nelas estudam vivenciam contextos e situações que causam ansiedade. Se esse sujeito apresenta alguma dificuldade com a aprendizagem escolar, em virtude de questões ansiosas, como essa instituição tem

agido diante disso? É importante verificar se essa escola tem sido um lugar gerador de ansiedade ou se tem conseguido compreender essa criança como um ser que, antes de qualquer amarra ou sintoma, é apenas um ser humano que necessita de acolhimento e proteção.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

Para realizar a presente monografia, foi feita uma pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2022), “as pesquisas exploratórias têm como propósito possibilitar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (p.41). Uma forma de realizar um estudo exploratório é fazer a coleta de dados utilizando a estratégia da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é um método que possibilita um planejamento mais flexível, visto que considera muitos aspectos relativos que estão associados ao tema central da pesquisa (Gil, 2022). É uma metodologia que se desenvolve em várias etapas, que incluem levantamento bibliográfico, coleta e análise de dados. A base de pesquisa dessa modalidade consiste na análise dos materiais selecionados que tenham sido publicados em diversos formatos, como artigos científicos, livros acadêmicos, periódicos científicos, dissertações, teses, dentre outros (Gil, 2022).

3.2 Coleta de dados

O levantamento do material a ser analisado foi realizado em bibliotecas científicas online, como SciELO (“Scientific Electronic Library” Online), PubMed, PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e Google Acadêmico por meio dos seguintes descritores “Psicopatologia infantil”, “Saúde mental”, “Impactos COVID-19”, “ambiente escolar” e “contexto familiar”, que foram combinados ou recombinaados no momento de realizar o levantamento. Os materiais selecionados para análise respeitam os seguintes critérios: terem sido publicados nos últimos dez anos; serem provenientes de estudos científicos empíricos sobre o objeto de pesquisa desta monografia (ou seja, que tenham buscado explicar ou entender fenômenos do mundo real através da coleta de dados concretos, em vez de se basear em teorias ou ideias pré-concebidas); terem sido redigidos na Língua Portuguesa; terem como público-alvo crianças com idades entre 5 e 12 anos; tenham abordado, como tema central, a saúde mental e a ansiedade em crianças; e tenham analisado os impactos que

os transtornos ansiosos geram na família e na escola, especificamente no aprendizado escolar.

3.3 *Análise de dados*

Nessa pesquisa, foi utilizada uma abordagem qualitativa, que visa compreender a complexidade de um determinado tema sob as perspectivas de diversos autores e fontes distintas, ou seja, foi realizada uma análise através de diversas óticas autorais. A pesquisa qualitativa não visa buscar por dados quantificáveis que foram alcançados através de métodos e procedimentos estatísticos. Sobre a pesquisa qualitativa, Gil (2021) afirma que pode ser utilizada:

[...] quando se busca, por exemplo, conhecer a essência de um fenômeno, descrever a experiência vivida de um grupo de pessoas, compreender processos integrativos ou estudar casos em profundidade (p. 15).

Para o processo de analisar os dados obtidos, foi utilizado a Análise de Conteúdo proposta por Bardin, sendo esse um método sistemático e objetivo que possibilita investigar os significados implícitos e explícitos presentes em determinado dado, tornando possível, assim, a obtenção de resultados precisos. Existem várias maneiras de analisar conteúdos, porém, Bardin (1977) destaca algumas técnicas principais: Análise Categorical, Análise do Discurso, Análise de Avaliação, Análise de Enunciação, Análise de Expressão, Análise das Relações. Neste estudo, foi realizada a análise categorial, uma vez que esse tipo de análise de conteúdo:

Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades (decomposição), para serem em seguida agrupadas em categorias, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido (Cardoso, Oliveira, Ghelli, 2021, p. 103 e 104).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a coleta de dados, foram selecionados sete artigos científicos, sendo quatro do Google Acadêmico e quatro do Scielo, bem como uma monografia de conclusão de curso na área de Psicopedagogia. Os descritores que possibilitaram encontrar um maior número de artigos que atendiam a pesquisa foram “Impactos COVID-19”, “Ansiedade infantil”, “Saúde mental infantil” “Ambiente escolar” e “Causas da ansiedade”. Foi necessário adicionar os descritores “Ansiedade e escola” e “Impactos ansiedade” porque alguns pontos foram modificados em relação ao projeto de

pesquisa, sendo assim, esses descritores possibilitaram uma maior busca por artigos relacionados ao tema da pesquisa.

Tabela 1: Síntese dos artigos científicos que compuseram a amostra analisada

Nº	Nome e Ano	Periódico	Principais resultados
01	<i>Os impactos da ansiedade para a aprendizagem infantil¹ (2022)</i>	Centro Universitário Internacional Uninter	- crianças que apresentam o Transtorno de ansiedade se sentem desmotivada e com baixa autoestima; - possuem dificuldade de aprendizagem; - dificuldade de concentração.
02	<i>Os fatores associados à relação entre tempo de tela e aumento de ansiedade em crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19: uma revisão integrativa² (2022)</i>	Rev Research, Society and Development	- evidente o aumento ansiedade como impacto negativo do uso excessivo de telas durante a pandemia do COVID-19
03	<i>Análise da influência da relação familiar e a sua repercussão no processo de aprendizagem³ (2014)</i>	Universidade Federal da Paraíba	- quanto maior a participação familiar no processo de aprendizagem e quanto mais afeto a família transmitir para os seus filhos, maior será a aprendizagem dessas crianças; - quanto maior a transmissão das ansiedades dos pais para os filhos, menor será o desempenho acadêmico dos mesmos; - a conexão família e escola beneficiará não só o aprendente em processo de formação, mas também, profissionais envolvidos na área como os professores, os psicopedagogos e as próprias famílias.
04	<i>Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores⁴ (2019)</i>	Revista proposições	- problemática relacionada à saúde mental nas crianças é expressa por meio de agressividade e agitação excessivas, isolamento, desatenção e dificuldade no cumprimento de combinados e que envolve fatores do contexto familiar, escolar e socioculturais presentes no cotidiano das crianças.
05	<i>A ansiedade e as implicações no contexto escolar trazidas pela pandemia da covid-19⁵ (2021)</i>	Universidade Estadual do Maranhão	- a ansiedade interferiu negativamente na aprendizagem escolar; - alunos passaram a ter crise de ansiedade em decorrência ao novo contexto pandêmico.
06	<i>Transtorno de ansiedade infantil⁶ (2016)</i>	Centro Universitário FAI	- o transtorno de ansiedade na infância provoca impactos muito negativos na vida criança, podendo gerar consequências, como por exemplo, dificuldade de aprendizagem.

¹ Disponível em:

<https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1021/OSIMPA~1.PDF?sequence=1&isAllowed=y>

² Disponível em: file: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/30515/26293/350377>

³ Disponível em: file: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16115/1/BBB12082014.pdf>

⁴ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/x46ycvnxT3msphKhJm4WvjF/?format=pdf&lang=pt>

⁵ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/4Mww56vn3tWYpGXbdB8vvmr/?format=pdf&lang=pt>

⁶ Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2017/685.pdf.

07	<i>Intervenção psicológica na ansiedade infantil</i> ⁷ (2022)	Universidade de Uberaba	- falta de rendimento escolar; - dificuldade na comunicação.
08	<i>A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental</i> (2013)	Revista Ensaio	- envolvimento da família com a escola do filho; - importância de desenvolver a tarefa educativa de forma conjunta, tendo sempre o aluno como foco e prioridade nesse processo

Fonte: Elaboração da autora.

4.1. Principais questões associadas ao surgimento do transtorno ansioso.

Com relação às causas que contribuem para o desenvolvimento de uma ansiedade disfuncional, que gera prejuízos à vida do indivíduo, os estudos apontaram para fatores múltiplos que estão associados a esse transtorno. Ou seja, a ansiedade, para se tornar prejudicial, depende de fatores como contexto social em que a pessoa está inserida, e de questões biológicas e fisiológicas.

A etiologia dessa resposta exacerbada ainda não é bem esclarecida e, dessa maneira, necessita-se de mais estudos para avaliar o assunto. Apesar disso, sabe-se que fatores ambientais, genéticos e fisiológicos podem estar relacionados à patogênese (Andrade *et al*, 2022, p. 2).

Os fatores de risco que as crianças e os adolescentes estão expostos para problemas de saúde mental e aumento da ansiedade, são os biológicos, que estão relacionados a anormalidades do sistema nervoso central, desnutrição; Fatores genéticos, relacionados à história familiar de depressão (Oliveira, 2022, p.12).

Essas informações apontam para uma questão interessante, de que, um único fator não é capaz de gerar ansiedade disfuncional em uma pessoa. Nesse sentido, é interessante analisar a perspectiva que Vigotski tinha sobre as relações sociais. Vigotski, em várias de suas obras, afirmou que “a personalidade é o social em nós” (*apud*, TEIXEIRA, 2000a, p. 337). Existem questões da ordem do fisiológico e do biológico, que são heranças genéticas e que podem ou não contribuir para a existência de um sofrimento mental, entretanto, o meio social, as relações que são construídas e os papéis que cada pessoa desempenha em uma sociedade podem contribuir potencialmente para o surgimento da ansiedade disfuncional.

Dito isso, ao se pensar no papel da criança dentro de uma sociedade e a forma como ela depende de outros para se desenvolver, pode-se refletir sobre como as relações sociais têm contribuído para o desenvolvimento do transtorno ansioso. De acordo com Rousseau, desde o nascimento, uma criança já perde sua liberdade, e tudo que necessitar aprender dependerá de outros. Ou seja, para lidar com questões naturais da ansiedade, elucidadas por Dumas (2011), como medo

⁷ Disponível em:

<https://dspace.uniube.br/bitstream/123456789/2050/1/AMANDA%20CARDOSO%20E%20SABRINA%20MACHADO.pdf>

⁸ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/mQHVP55HKZghCGrrqv9qzC/abstract/?lang=pt>

de situações abstratas, receio da separação e descoberta de novos caminhos, ela precisará de um contexto acolhedor para ter a possibilidade de utilizar melhores recursos emocionais e comportamentais para lidar com a questão. Sendo assim, se essa criança não estiver envolvida em um ambiente seguro, e se as relações com seus responsáveis e cuidadores não forem de confiança, ao mesmo tempo em que continua exposta constantemente a algum tipo de agente estressor, é muito provável que ela estará sujeita ao desenvolvimento de sintomas ansiosos disfuncionais.

Além do contexto social como possível causador do transtorno ansioso, os estudos selecionados destacaram questões mais pontuais relacionadas ao aumento dos casos de ansiedade. Dados mostraram que a pandemia da COVID-19 foi como um catalisador da ansiedade em crianças, visto que esse acontecimento gerou consequências que contribuíram fortemente para a expansão desse transtorno. A pandemia causou isolamento social e uma das consequências foi o aumento da quantidade de tempo que as crianças passaram em frente a equipamentos eletrônicos como celular, computador e TV. Sendo assim, nesse período, perdeu-se uma parte de suas relações sociais, cujas interações, antes realizadas majoritariamente por meio de encontros presenciais, passaram a ocorrer quase que exclusivamente mediadas pela tecnologia, conforme apontado por estudiosos do tema:

As pesquisas avaliadas denotam que os impactos da COVID-19 afetaram negativamente a saúde mental das crianças, visto que as experiências enfrentadas durante a pandemia influenciam de modo desfavorável por conta de todo o estresse que as condições de isolamento e medo podem ter causado (Jesus, Santos e Santos, 2022, p.12).

A saúde mental de crianças e adolescentes, está sendo afetada, pela ocorrência da pandemia do COVID-19, sendo os quadros clínicos de ansiedade o mais visível provocando impactos relevantes na vida de pessoas, tais como: o afastamento da escola e dos entes queridos pelo isolamento social, crise financeira enfrentada pelos pais, o adoecimento e a perda de familiares (Oliveira, 2022, p.12).

Esses dados nos mostram como a falta de convívio social pode gerar prejuízos de ordem psicológica às pessoas. A COVID-19 catalisou situações estressantes, o que levou crianças a ter que lidar com mudanças abruptas em suas rotinas. As aulas foram suspensas, impedindo que houvesse contato com outras crianças, prejudicando o desenvolvimento social. A pandemia também aumentou o uso de telas pelas crianças, de modo que, além do tempo recreativo que elas possuíam com o celular, computador ou tv, as aulas também precisaram ser transmitidas através do formato *online*, aumentando ainda mais o tempo em frente às telas. Andrade *et al* (2022) alegam que esse aumento do uso de eletrônicos facilitou a forma de lidar com a falta de aulas presenciais, porém, esse uso em excesso acarretou prejuízos para as crianças.

Sendo assim, se faz necessário analisar os impactos da pandemia da COVID-19 com relação

ao aumento da ansiedade, visando à tentativa de reduzir esses prejuízos, ao propor atividades recreativas para as crianças, tendo como objetivo a socialização entre elas e a diminuição do tempo de uso de equipamentos eletrônicos, especialmente tv, smartphone, computador e *tablet*. Andrade *et al* (2022) propõem o estabelecimento de uma rotina de estudos e exercícios de lazer para diminuir esses impactos. Sendo assim, mesmo que o isolamento social tenha terminado, é importante providenciar “medidas para um tempo de uso saudável com melhor qualidade do que é acessado e que não impeça a criança e o adolescente de realizarem atividades “offline” para a promoção da saúde mental e física” (Andrade *et al*, 2022, p.7).

4.2. Impactos da ansiedade no contexto escolar.

Em relação aos impactos da ansiedade no ambiente escolar, as pesquisas selecionadas apontaram para questões conectadas à dificuldade de aprendizagem e ao isolamento social. Crianças muito ansiosas podem apresentar dificuldades de se comunicar e, conseqüentemente, serem prejudicadas no seu processo acadêmico. Essa ausência de comunicação, juntamente com a presença frequente de sintomas ansiosos, também acarreta na dificuldade da construção de relações e vínculos sociais.

Outrossim, sabe-se que crianças com transtorno da ansiedade podem apresentar dificuldade na aprendizagem e na interação com colegas, mas nem sempre reconhecido pelos professores, e por inúmeras vezes são taxadas como crianças com déficit na aprendizagem, alunos que não conseguem se concentrar ou socializar com colegas (Naue; Welter, 2016, p. 2).

De modo geral, a ansiedade interfere na capacidade de concentração do aluno e no seu foco de aprendizagem, o que infere em prejuízos para o seu desenvolvimento cognitivo. Os sentimentos negativos e a insegurança, também, provocam malefícios para o desenvolvimento social, emocional e psíquico da criança, de forma que, ao acentuar os sintomas da ansiedade (apresentação de voz trêmula, perda de voz, gaguejar etc.), a criança pode desistir de realizar a atividade (Muniz, Fernandes, 2016 *apud*, Amaral; Massolin, 2021, p.11).

Os dados demonstraram que esse transtorno tem gerado prejuízos para aprendizado de crianças e que, por vezes, podem ser subjugadas ao ser vinculado a elas um transtorno, como se a ansiedade fosse uma justificativa não passiva de mudança frente a essas dificuldades. Entretanto, Cohn (2005) alega que, dentro do contexto escolar, a criança é considerada “um ator social importante e relevante” (p.41). Ou seja, ela não é apenas um sujeito que possui dificuldades acadêmicas devido a sua ansiedade, ela está inserida e presente dentro desse ambiente como um agente ativo. Sendo assim, é importante pensar no que Rousseau (1996) disse em relação à própria

sociedade estar tornando o homem insuficiente.

As pesquisas trouxeram informações apenas relacionadas à dificuldade de aprendizagem, não descrevendo, portanto, como acontece o processo de ensino e se existe motivação em conhecer a origem das causas de tal dificuldade, especialmente no tocante aos comportamentos relacionados à falta de concentração e comunicação da criança que apresenta baixo rendimento escolar. Cohn (2005) apresenta um ponto interessante a respeito da análise da aprendizagem de uma criança:

[...] o que significa educar e aprender nos casos que pesquisamos; como se concebe o conhecimento e sua transmissão; quais são as modalidades, os lugares e as relações envolvidas nesse processo; como se insere e é inserida nele a criança; e de que criança se trata (p.37).

Através dessa perspectiva, é importante recordar o que Vigotski diz com relação ao agente de ensino da escola, o professor. Teixeira (2022) sintetiza a ideia de Vigotski com relação a esse profissional ao dizer que

[...] o professor não é o motor do processo educativo, ele é o condutor, o intelectual que organiza e conduz o processo em diálogo e compartilhamento com os seus alunos, e, utilizando a metáfora do condutor japonês e do maquinista do bonde, afirma que o professor não precisa ser o cavalo que puxa a carruagem, mas o cocheiro que a conduz. Cabe a ele criar as possibilidades para que a instrução ocorra, mas ele não precisa fazer isso sozinho, os esforços são compartilhados e as responsabilidades também (pp. 14 - 15).

A partir dessa análise, profissionais da educação devem buscar construir um ambiente acadêmico que possibilite o desenvolvimento integral da criança, independente de algum transtorno ou dificuldade, contribuindo assim para “a compreensão da educação como prática e caminho para a liberdade” (Teixeira, 2022, p.11).

O conceito da liberdade visa romper com esse rótulo de criança que não aprende porque possui algum transtorno ou déficit específico, construindo um caminho facilitador para ela, buscando conhecer suas dificuldades e visando desenvolver novos caminhos e estratégias para o desenvolvimento infantil. Essa é uma prática que vai além das barreiras tradicionais do ensino, que vai rompendo com estereótipos taxativos e individualistas, mas que entende essa criança como um ser social e não individual. Vigotski descreve bem essa ideia ao dizer que:

“[...] o que é absolutamente impossível para um, é possível para dois. Nós acrescentamos: o que é impossível no plano do desenvolvimento individual, se torna possível no plano do desenvolvimento social” (Vigotski, 1997, p. 246-247 *apud*, Teixeira, 2022, p.10)

Partindo dessa premissa, é importante refletir sobre as práticas escolares com essas crianças que estão enfrentando dificuldades associadas à ansiedade. Esse transtorno gera prejuízos significativos

para o indivíduo, mas não deve servir como uma justificativa para a falta de aprendizagem ou convívio social da criança. Cabe aos educadores repensar no modo como enxergam essas crianças e no papel que elas possuem dentro de uma sociedade. Mudar essa perspectiva pode contribuir para uma educação que possibilita a construção de um caminho que trilhe a liberdade.

Nessa perspectiva, também é interessante refletir sobre o papel do profissional de psicologia dentro esse ambiente. O psicólogo poderá contribuir muito nessa questão, visando trabalhar em conjunto com a escola para compreender as causas relacionadas ao surgimento dessa ansiedade e, conseqüentemente, buscar fazer uma análise mais ampla a respeito das dificuldades apresentadas pela criança com Transtorno de ansiedade. Nesse sentido, esse profissional, poderá:

[...] desenvolver ações que contribuam para uma compreensão dos elementos constituintes dos processos de ensino e aprendizagem em suas dimensões subjetivas e objetivas, coletivas e singulares. As(os) psicólogas(os) podem desenvolver ações que busquem o enfrentamento de situações naturalizadas no contexto escolar, superando explicações que culpabilizam ora estudantes, ora familiares, ora professores (Conselho Federal de Psicologia, 2019, p. 48).

O psicólogo faria um trabalho complementar dentro do ambiente escolar, visando romper com culpabilizações e estereótipos a respeito de pessoas que estão enfrentando sofrimento de ordem mental. Sendo assim, a presença dessa profissional é de extrema importância, visto que existe uma lei que ampara a sua atuação nas escolas, mas que infelizmente ainda não está em vigor de forma completa. Desde 2019 existe a Lei Nº 13.935 (Brasil, 2019), que dispõe sobre a atuação dos serviços prestados por psicólogos em escolas públicas da educação básica. Mesmo que ainda não esteja em plena aplicação, é um modo inicial de começar a repensar as formas de educação e atuação de cada profissional dentro do contexto escolar.

4.3. Relação entre escola e família.

Após todo o exposto neste trabalho, é fundamental compreender a função da instituição familiar mediante a criança que tem apresentado dificuldades de aprendizagem e socialização em detrimento da ansiedade. A amostra da literatura científica sobre o tema selecionada para análise nesse estudo apontou que se faz necessário o diálogo entre familiares e profissionais da educação, visto que a criança está presente dentro desses dois ambientes em grande parte do seu cotidiano.

[...] o transtorno de ansiedade infantil traz nítidos malefícios para a criança, gerando muito sofrimento. Assim, família e escola necessitam entender as causas do transtorno de ansiedade em crianças, para ajudá-las a superar ou talvez amenizar todo esse impacto causado na infância (Naue; Welter, 2016, p. 8).

[...] as crianças não são preparadas para lidar com decepções e fracassos. No entanto, esse também não é um trabalho exclusivo dos educadores, os pais também precisam estar presentes na vida de seus filhos, auxiliando no processo de equilíbrio das

emoções dos mesmos (Naue; Welter, 2016, p.7).

[...] o contexto escolar tem sido, cada vez mais cedo, o segundo ambiente de vivência das crianças, e o professor, além da função de ensinar, também tem tido a responsabilidade de educá-las e formá-las para além do currículo formal, passando, assim, a ter um papel afetivo maior que o desempenhado em anos passados, configurando-se como referência para a criança em desenvolvimento (Lipp, Arante, Brito e, Witzig, 2002 *apud*, Cid *et al*, 2019, p.3).

Esses dados coadunam com todas as análises realizadas nesta pesquisa e apontam para a importância de analisar essa criança que tem enfrentado dificuldades como um ser social de múltiplos relacionamentos. Nessa perspectiva, não cabe somente aos profissionais da escola lidar com essa problemática. Como visto anteriormente, o transtorno de ansiedade pode ser de causa multifatorial e, com a pandemia da COVID-19, essa questão se agravou ainda mais, gerando muitos prejuízos na vida dessa criança. Sendo assim, responsáveis familiares e educadores precisam atuar em equipe e em concordância para elaborar, de modo compartilhado, a melhor estratégia de enfrentamento para essa questão (Saraiva; Wagner, 2013).

O processo de aprendizagem está muito relacionado aos educadores escolares, porém, a família exerce uma função muito importante nesse processo de ensino da criança. Brito (2014) diz que a família tem um “papel crucial na formação do indivíduo e ainda, proporcionar a esta estratégias que facilitem o êxito no seu desenvolvimento acadêmico” (p. 2). Ou seja, não se deve ficar apenas sob responsabilidade da escola lidar com as dificuldades que uma criança ansiosa enfrenta. A escola possui sim grande relevância nesse processo em razão desse ambiente ser “um dos principais contextos de vida de crianças e adolescentes na atualidade, possuindo, assim, um caráter psicossocial relevante que deve ser assumido e explorado” (Cid *et al*, 2019, p. 4), mas o trabalho deve ser feito em conjunto com todos os meios sociais de convivência dessa criança.

Essa junção entre as duas instituições de maior convívio da criança pode promover o estabelecimento de uma parceria funcional, que contribuirá de modo significativo para a infância proposta por Rousseau (1996), que entendia que essa fase da vida deveria ser um tempo agradável e feliz, de modo a proporcionar o desenvolvimento saudável dessa criança. A escola possui seu papel, que foi discutido no tópico anterior e, do outro lado dessa relação existe a família, que também tem sua função a desenvolver. Brito (2014) descreve que:

Famílias devem sim, se preocupar com a aprendizagem de seus filhos, incentivando-os a estudar, porém, deixando os mesmos ter determinação e competência no que fazem, devido muitos pais impor aos filhos que devem tirar notas boas e ser competentes em tudo que a escola propicia e assim gerando ansiedade e desconforto nos seus filhos, acabando que os mesmos não conseguem aderir aos objetivos propostos pelos pais e deixam de lado os conhecimentos que

acomodaram em sala de aula (p. 8).

Cabe aos responsáveis por essa criança não colocarem sobre elas suas expectativas, visto que cada criança é única e tem sua subjetividade e personalidade individual. Sendo assim, família e escola podem proporcionar um ambiente mais seguro e acolhedor para essa criança que já enfrenta tantas questões devido à ansiedade. Essas duas instituições, quando se unem em função de benefícios para a criança, oferecem instrumentos necessários para que ela consiga enfrentar as dificuldades geradas pela ansiedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao problema da pesquisa e a hipótese desse trabalho, que trazia a COVID-19 e o uso de telas de forma excessiva correlacionado ao aumento da ansiedade infantil, confirmou-se sua veracidade, entretanto, as respostas aos objetivos desse estudo suscitaram outros pontos importantes dentro da análise, principalmente no quesito das consequências escolares. Sendo assim, esse é um tema relevante e seu estudo é de grande importância para a sociedade, visto que a ansiedade no público infantil tem aumentado significativamente e acarretado diversos prejuízos para as crianças. Dessa forma, a intenção da elaboração dessa pesquisa era poder produzir conhecimento científico a respeito das principais causas da ansiedade em crianças e suas consequências no ambiente escolar, visando contribuir para o desenvolvimento da ciência psicológica.

Foi exposto como a pandemia da COVID-19 é uma grande responsável pelo aumento da ansiedade em crianças, principalmente pelo fato dela ter gerado isolamento social, e, como consequência desse acontecimento também houve aumento do tempo de telas das crianças, contribuindo assim para mais sintomas ansiosos. E esse aumento da ansiedade se refletiu dentro do contexto escolar, de modo que a aprendizagem ficou comprometida, mas a literatura científica selecionada para análise nessa não apontou como a escola e a família tem lidado com essas questões sem ser pela via da utilizar o transtorno como justificativa para a dificuldade acadêmica.

Sendo assim, é importante sugerir que esse tema continue a ser estudado, visto que apenas a pesquisa bibliográfica já demonstrou, por meio dos dados alcançados, a relevância da ampliação dos estudos sobre transtorno de ansiedade infantil e seus impactos na vida da criança, especialmente no âmbito escolar.

Dito isso, é interessante realizar pesquisas que acessem o cotidiano do contexto escolar, ou seja, trazer um olhar mais individualizado sobre essa criança que tem enfrentado problemas dentro do ambiente escolar. A pesquisa bibliográfica para essa temática apresentou resultados em uma

conjuntura ampla, ou seja, abordou essa problemática de modo geral, entretanto, é importante compreendê-la a partir da ênfase nos processos subjetivos.

Esse método de pesquisa possibilitou um conhecimento prévio, porém, como visto neste trabalho, o conceito de criança e seu papel na sociedade deve ser analisado dentro do contexto de cada sujeito, observando seu convívio familiar, condição socioeconômica, raça, gênero e sua rede de suporte. Sendo assim, o método de pesquisa de campo poderá possibilitar compreensão da questão por meio de uma conjuntura mais individualizada.

Esse é um problema que necessita de atenção especial e que deve enxergar todo o contexto envolvido nessa questão, de forma que família e escola dialoguem para que seja possível construir um ambiente acolhedor para essa criança, que compreenda suas limitações e que vise promover adaptações para oferecer a melhor condição para o seu desenvolvimento frente aos sintomas ansiosos disfuncionais. Também é de extrema importância a atuação do profissional de psicologia em todo esse contexto, visto que ele poderá contribuir para compreensão das dificuldades apresentadas pelo aluno.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Cristina. Sociologia da infância: um diálogo necessário. **Rev Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciência Sociais**, Londrina, v.1, p. 1-9, jan./dez. 2013.

Disponível em:

https://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/3%20Edicao/03%20ARTIGO_MARIA%20CRISTINA.pdf. Acesso em: 5 de novembro de 2023.

AMARAL, Maria Fabiana do; ALBRECHT, Ana Rosa Massolin. **Os impactos da ansiedade para a aprendizagem infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicopedagogia).

Centro Universitário Internacional Uninter, 2022, 16 f. Disponível em:

<https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1021/OSIMPA~1.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

ANDRADE, Bianca Mendonça. et al. Os fatores associados à relação entre tempo de tela e aumento de ansiedade em crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19: uma revisão integrativa. **Rev. Research, Society and Development**, Tiradentes, v. 11, n. 8, p. 1s-7s. 2022.

Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/30515/26293/350377>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Fraksman. Tradução: Dora Flaksman. 3ª edição. Rio de Janeiro: LTC 2022.

BOEIRA, Adriana Ferreira. Algumas contribuições de Rousseau, presentes na obra Emílio ou Da Educação, que ajudam a pensar estratégias para a utilização dos blogs na educação. **Congresso internacional de Filosofia e Educação**. Caxias do Sul, 2010. Disponível em:

[https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico7/Algumas%20contribuicoes%](https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico7/Algumas%20contribuicoes%20de%20Rousseau.pdf)

20de%20Rousseau.%20presentes%20na%20obra%20Emilio.pdf . Acesso em: 12 de maio de 2023.

BRITO, Bruna Bastos. **Análise da influência da relação familiar e a sua repercussão no processo de aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. 24 f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16115/1/BBB12082014.pdf>. Acesso em: 27 de Outubro de 2023.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 12 de dezembro de 2019. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**, seção 1, edição 240, n. 7 Brasília/DF. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-13.935-de-11-de-dezembro-de-2019-232942408?inheritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3FqSearch%3DLei%252013.935%25202019> . Acesso em: 10 de Setembro de 2023.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves ; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Rev Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347> . Acesso em: 17 de Abril de 2023.

CID, Maria Fernanda Barbosa *et al.* Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Rev Pro-Posições**, v. 30, e20170093, Campinas/SP, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/x46ycvnxT3msphKhJm4WvjF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de Outubro de 2023.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

DUMAS, Jean E. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em:

GIL, Antônio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1ª. edição. Barueri/SP: Atlas, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7ª. edição. Barueri/SP: Atlas, 2022.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra. *et al.* A compreensão da infância como construção sócio histórica. **Revista CES Psicologia**, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4235/423539424010.pdf>. Acesso em: 10 de Abril de 2023.

LUSTIG, Andréa Lemes *et al.* **Criança e infância: contexto histórico social**. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação da Infância – NEPE, vinculado ao Programa de Mestrado em Educação, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR18.1.pdf>. Acesso em: 17 de Abril de 2023.

MIRANDA, Delzuita Patrícia Sousa. *et al.* A ansiedade e as implicações no contexto escolar trazidas pela pandemia da COVID-19. Em: **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação** Universidade Estadual do Maranhão, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID7645_TB960_18072022114708.pdf. Acesso em: 10 de Outubro de 2023.

NAUE, Catia. WELTER, Maria Preis. **Transtorno de Ansiedade Infantil**. Centro Universitário FAI, Adamantina, 2016. Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2017/685.pdf. Acesso em: 15 de Agosto de 2023.

CUNHA, Amanda Cardoso; OLIVEIRA, Sabrina Machado Pires de. **Intervenção psicológica na ansiedade infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Psicologia). Universidade de Uberaba, Uberaba, 2022, 33 f. Disponível em: <https://dspace.uniube.br/bitstream/123456789/2050/1/AMANDA%20CARDOSO%20E%20SABRI%20MACHADO.pdf>. Acesso em: 18 de Outubro de 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Depressão e outros transtornos mentais comuns: Estimativas de saúde global**. OMS, 2017. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates>. Acesso em: 20 de Novembro de 2023.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio, ou da Educação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1996.

SARAIVA, Lisiane Alvim; WAGNER, Adriana. A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental. **Rev Ensaio: aval. pol. públ. Educ**, v. 21, n. 81, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/mQHVP55HKZghCGerrqv9qzC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 de Outubro de 2023.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antônio Batista. **O pensar educação em Paulo Freire: Para uma Pedagogia de mudanças**. Cascavel, Unioeste, PR, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 28 de Novembro de 2023.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Rev Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, Juiz de Fora/MG. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559/22049>. Acesso em: 17 de Abril de 2023.

Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo. **Diretrizes Clínicas em Saúde Mental**. Vitória, 1ª edição, 2018. Disponível em: <https://saude.es.gov.br/Media/sesa/Protocolo/Diretrizes%20Clinicas%20em%20saude%20mental.pdf>. Acesso em: 20 de Novembro de 2023.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. **A Educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 47, e116921, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/ZkmZLqzStG7gZknWBDxVRsM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 de Novembro de 2023.

CFP — Conselho Federal de Psicologia. Referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) na educação básica. Brasília/DF: CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

